

The background of the cover is a photograph of two musicians, Fernanda Takai and John Ulhoa, sitting at a wooden table outdoors. Fernanda, on the left, is wearing a colorful patterned shirt and holding a red and white striped recorder. John, on the right, is wearing a dark green t-shirt and a patterned bracelet, holding a xylophone. Various musical instruments like a guitar and a keyboard are scattered on the table.

UBC

BRINCADEIRA DE ADULTO

**FERNANDA TAKAI E JOHN ULHOA, DO PATO FU,
ABREM O JOGO SOBRE NOVOS SONS, COTIDIANO E PROJETOS**

REVISTA DA
UNIÃO BRASILEIRA DE
COMPOSITORES
#08 MARÇO DE 2011

**+ MERCADOS ALTERNATIVOS:
SOUNDBRANDING, JINGLES...**

+ KASSIN E SEUS PARCEIROS

ISSN 2176153-1



9 772176 153002



FRÉDÉRIC CHOPIN

40



VINICIUS DE MORAES

80



RITA LEE

HÁ MAIS DE 60 ANOS
A UBC ACOMPANHA DE
PERTO A HISTÓRIA DA
MÚSICA BRASILEIRA



ÂNGELA MARIA

50



DERCY GONÇALVES

60



MÁRIO LAGO

2000



FAGNER



REVISTA DA
UNIÃO
BRASILEIRA DE
COMPOSITORES
#08_MARÇO DE 2011

EDITORIAL

A União Brasileira de Compositores, criada em 1942, fruto de um sonho compartilhado por autores que engrandeceram a música brasileira com suas obras e sua luta pelos direitos autorais, segue fiel ao projeto de seus fundadores.

Aqui é a casa da criação, da união de todos os músicos, intérpretes e autores musicais. Nosso cotidiano é a busca de, cada vez mais, aprimorar a arrecadação e a distribuição dos frutos do trabalho de nossos associados. Iniciamos o ano de 2011 com disposição, grandes esperanças e a certeza de que continuaremos avançando na valorização do autor brasileiro.

Fernando Brant



04-05



06-07



08-09



10-11



12-13



16-17



18-19



20-21



22-23

ÍNDICE

04 : **NOVIDADES** NACIONAIS
06 : INTERNACIONAIS
07 : LANÇAMENTOS
08 : MERCADO **ALTERNATIVO**
11 : FIQUE DE OLHO
12 : CAPA **PATO FU**

16 : MÚSICA **GAÚCHA**
17 : ENTREVISTA **ELIAS MUNIZ**
18 : PERFIL **KASSIN**
20 : DISTRIBUIÇÃO DE TV
21 : **DÚVIDA** DO ASSOCIADO
22 : QUEM É QUEM NA UBC

A Revista UBC é uma publicação da União Brasileira de Compositores, uma sociedade sem fins lucrativos que tem como objetivos a defesa e a distribuição dos rendimentos de direitos autorais e o desenvolvimento cultural / **Diretoria:** Fernando Brant (presidente), Abel Silva, José Antônio Perdomo, José Loureiro (in memorian), Manoel Nenzinho Pinto, Ronaldo Bastos e Sandra de Sá / **Diretora-executiva:** Marisa Gandelman / **Coordenação editorial:** Elisa Eisenlohr / **Assistente de coordenação:** Wallace Ramos / **Projeto gráfico e diagramação:** 6D / **Editora:** Ana Lúcia Borges (MTB 29.221) / **Editor-assistente:** Gustavo Leitão / **Colaboradores:** Claudia Rodrigues e Eduardo Fradkin / **Capa:** Washington Alves / **Tiragem:** 5.000 exemplares / Distribuição gratuita

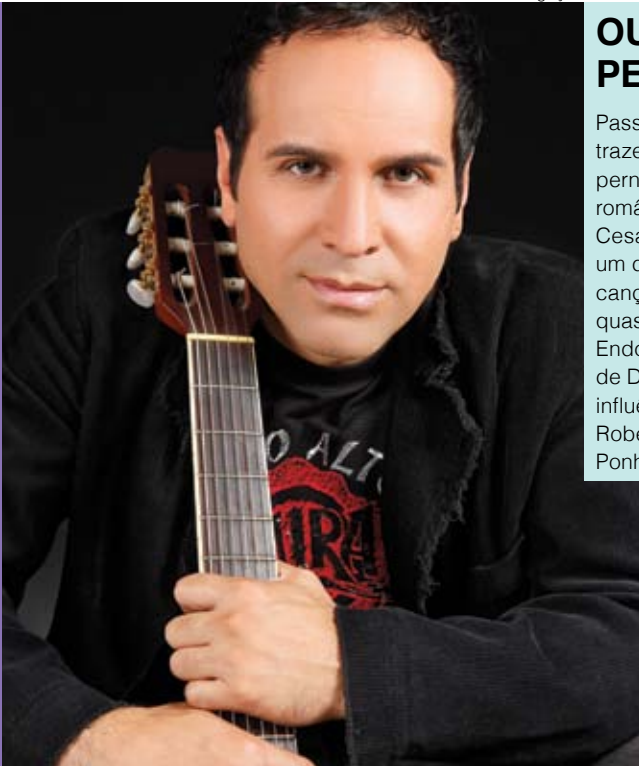




É REGGAE, MAN!

O carioca Guiga Raiz Forte aposta em novas vertentes. Inclusive na esfera dos negócios. Acaba de abrir um estúdio na Barra da Tijuca, no Rio, onde está conduzindo a gravação de seu novo disco, “Número 1, Parte 2”. Mas, no conteúdo, a “raiz”, que lhe dá nome, continua “forte”. O reggae volta com força total, num CD com músicas mais engajadas e ligadas a temas de cunho social. “São referências a mudanças recentes no mundo que nos afetam, como a morte da cantora Mercedes Sosa, em 2009, que surge na canção ‘Lamaceira’; ou a questão da fé, em ‘Aliança’”, afirma ele, que deve lançar o álbum, com 15 a 20 faixas, ainda este ano.

Fotos de divulgação



VIOLA ALADA

O jovem compositor Arnaldo Freitas é mais conhecido por ser, desde 2006, o violeiro que acompanha Inezita Barroso no programa “Viola Minha Viola”, que vai ao ar nos fins de semana, na TV Cultura. Mas acaba de voar mais longe. Em dezembro, foi eleito por unanimidade – e merecidamente – o melhor artista instrumental de viola no festival nacional Voa Viola, patrocinado pela Caixa e pelo governo federal. Eram aproximadamente 400 inscritos, lembra Arnaldo. Natural de Marília, em São Paulo, ele tem viajado o país com o show “Divisa das Águas”, homônimo do disco lançado em 2009. Para este ano, ele antecipa, vem novo trabalho instrumental por aí: o disco deve sair até o fim de 2011.



OUTONOS COM PEGADA ROMÂNTICA

Passados o carnaval e as águas de março, abril deve chegar trazendo “Outonos”, o primeiro disco de Cláudio Noam. O pernambucano, que promete um repertório calcado na música romântica, já estreia tendo parcerias de peso. Com assinatura de Cesar Augusto, o álbum tem participação de Zezé di Camargo, um dos produtores, que, junto com Luciano, solta a voz na canção “Nunca Mais Ficar Sozinho”. Ao todo, o CD terá 13 faixas: quase todas de autoria de Noam, à exceção de uma, “Você Endoideceu Meu Coração”, de Nando Cordel, com participação de Dominginhos, uma homenagem às raízes do cantor. As influências do artista? “Trago referências de Luiz Gonzaga, Roberto Carlos, Zezé di Camargo, Zé Ramalho, Ana Carolina... Ponha tudo na panela, e eis aí Cláudio Noam”, define o próprio.

OPS... FOI MAL!

Diferentemente do que publicamos na última edição, o nome correto do disco do Chimarruts é “Só pra Brilhar”.



DESENROLADAS E BATALHADORAS

A banda de rock carioca Agneta, só de meninas, está comemorando mais uma conquista. Vencedora do concurso “Olha Minha Banda”, do programa “Caldeirão do Huck”, em 2008, as moças emplacaram a música-tema do filme “Desenrola”, lançado em janeiro e dirigido por Rosane Svartman. Deia Cassali, vocalista e compositora do grupo, de 22 anos, conta como foi o convite. “O Bruno Levinson, diretor musical, entrou em contato conosco pedindo que compuséssemos a música. Deu como dica entrarmos no site, para sentir o clima do filme. Mas nem precisou. Em cinco minutos liguei para ele de volta, já com tudo na cabeça. Veio na hora”, conta. Deia antecipa, ainda, que a canção estará no segundo álbum da Agneta, previsto para ser lançado nos próximos meses. “Estamos em fase de pré-produção. Esse disco vai mostrar mais personalidade, será mais maduro e adulto”, revela.



LABIRINTO A CAMINHO

“Um Labirinto em Cada Pé” será o nome do quarto disco do paulista Romulo Fróes, que deve sair do forno ainda no primeiro semestre. Ele conta que o novo trabalho será como um resumo do último álbum, “No Chão sem o Chão”, duplo, de 2009, com 33 faixas. “Em ‘No Chão sem o Chão’, eu queria me desfazer da pecha de ser um sambista. Consegui me libertar, e, por isso, faço samba agora até com mais leveza. Sou um compositor de MPB, e isso inclui outros ritmos”, diz. O trabalho prestes a sair, que Fróes considera o mais autoral de sua carreira, trará parcerias com Rodrigo Campos, presente como músico e dividindo a autoria de três canções; Nina Becker, que participa ao longo do disco fazendo coro e segunda voz; Dona Inah, de 75 anos, cantando samba; Domenico Lancelotti; e Arnaldo Antunes, na faixa “Rap em Latim”, de autoria do artista plástico Nuno Ramos, outro parceiro de longa data de Fróes.

SUBINDO O TOM

Por Eduardo Fradkin

Com seu segundo CD (que leva o nome da banda) recém-lançado por um selo que vem apostando em novos talentos, o Oi Música, e com elogios de admiradores como Caetano Veloso, os cariocas da Tono têm angariado ouvintes, geralmente gente jovem como os próprios músicos. No balaio musical deles, entram variados estilos, o que torna difícil a tarefa de rotulá-los. Mas o baixista Bruno di Lullo, de 28 anos, dá algumas pistas na conversa abaixo.

Quase todos os membros do Tono têm outros trabalhos. O Rafael (Rocha, baterista e cantor) toca com Adriana Calcanhotto. O Bem Gil (guitarrista) toca com o pai (Gilberto Gil). O Leandro (Floresta, flautista) tem a banda Paideguará. Você toca com a cantora Silvia Machete. O Tono é um projeto paralelo para vocês?

BRUNO DI LULLO: Não, porque a gente não trata o Tono como um hobby, não é uma banda que só se encontra raramente, de acordo com o tempo livre de todo mundo. Hoje, é normal para um músico tocar com diferentes artistas e bandas, e isso não significa que um trabalho seja mais importante que outro. O Tono tem uma agenda de shows. A gente se reúne pelo menos duas vezes por semana para ensaiar antes de uma apresentação. Além disso, muitas vezes, há encontros casuais entre dois ou três de nós, e daí surgem ideias para novas músicas.

Vocês têm mais liberdade no Tono do que nos outros trabalhos?

BRUNO: Sim, claro. Como baixista da Silvia, eu faço o que ela quer. O Rafa faz o que a Adriana (Calcanhotto) quer. O Tono é um lugar para botar o que é nosso.

É possível definir o estilo do Tono em algumas palavras?

BRUNO: É um bolero tropical psicodélico... sei lá. Não sei como definir. Gostamos muito dos marginais da música, como Walter Franco, Itamar Assumpção e Jorge Mautner. Nós nos inspiramos neles. Mas recebemos influências de todo lado, do Japão à África. Temos samba de roda, temos músicas com guitarra distorcida, temos de tudo.

Há receptividade ao som de vocês por parte das casas de show do Rio?

BRUNO: É muito difícil acharmos lugares para tocar no Rio, mas o problema é a falta de palcos para bandas principiantes, que estão conquistando um público e querendo crescer. Há alguns lugares bons, como o Circo Voador, mas são muito poucos. É preciso haver incentivo para que surjam novas opções.



LANÇAMENTOS

PRÓXIMA ESTAÇÃO: VOLVER

Por Ana Lúcia Borges * Foto de divulgação

Prestes a lançar seu terceiro álbum, batizado de “Próxima Estação”, a banda pernambucana Volver experimenta um momento sublime na carreira. Tem uma legião de fãs fiéis, que, nos shows, cantam em coro suas canções. E pôs na internet bastidores da gravação do disco, estreitando seu relacionamento com o público.

O que esse “desembarque” na “Próxima Estação” promete ao público?

BRUNO SOUTO: Estamos muito animados e satisfeitos com o conjunto de canções contidas nesse novo disco. O tom de mudança e de temas já explorados em nossos discos anteriores dá o norte do “Próxima Estação”. O lançamento deve ser no primeiro semestre.

Bastidores das 90 horas de gravação foram postados num blog. De onde partiu essa ideia?

BRUNO: Sempre tive curiosidade em saber sobre o andamento e os bastidores das gravações das bandas de que gosto. Então, tive a ideia do blog (www.volverproximaestacao.blogspot.com) e documentamos todos os passos da gravação.

No YouTube, está circulando um vídeo com a canção “Ana”, uma parceria com a Gabi Porai, que estará no disco. E quais outras parcerias destaca no novo álbum?

BRUNO: Conheci a Gabi em meio às gravações do novo disco e me encantei com seu timbre de voz e seu jeito de cantar. Coincidentemente, estava procurando uma voz feminina para um dueto em “Ana”, e então a convidamos para cantar comigo. Compus essa canção para fazer parte da trilha sonora de um filme sobre a Clarice Lispector (que ainda não foi lançado). A diretora Taciana de Fátima Oliveira pediu uma canção inspirada no conto “Amor”, de Clarice, e foi uma experiência nova pra mim, compor a partir de uma encomenda. Em relação às parcerias de composição no novo disco, foram muito bem-sucedidas. Delas, nasceram “Mangue Beatle” (com Tagore Suassuna), “Gente” (com Gleisson Jones) e “Simplesmente” (Com João Eduardo).

De que outras maneiras a Volver usa a internet como aliada (por meio de ferramentas como MySpace, Facebook, Twitter)? Isso ajuda na divulgação e na difusão da banda nacionalmente e fora (o disco “Canções Perdidas num Canto Qualquer”, de 2005, por exemplo, fez sucesso no exterior)?

BRUNO: Usamos a internet para divulgar nossas músicas e ações para o maior número de pessoas, mas principalmente para encurtar a distância entre a banda e os fãs.

Por que a banda se mudou para São Paulo? No próximo disco, sentiremos influência da cidade nas músicas?

BRUNO: Nós nos mudamos para tentar viabilizar melhor a carreira e ampliar nosso público, além de desfrutar de uma nova experiência de vida. Nossa relação com a cidade de São Paulo já é de pertencimento. Nós nos sentimos em casa, apesar da saudade da família e dos amigos de Recife. Claro que nossa cidade natal é e sempre será nosso refúgio, mas estamos felizes. As novas canções refletem muito essa mudança, mesmo que às vezes nas entrelinhas.

Quais artistas inspiraram a Volver?

BRUNO: Nossa, tem tanta coisa que fica até difícil... Música pop em geral, rock’n’roll, Clube da Esquina, Jovem Guarda, Bossa Nova, soft rock... O principal ponto de convergência



INDIRETO (Independente)

Em sua página no Myspace, o Indireto classifica seu som como rock, nu-jazz e experimental. Está claro que o projeto formado pelo guitarrista Augusto Nogueira (Scarcéus) e o batedista Jean Dolabella (Sepultura) é tudo menos convencional. Criado em 2008, o duo lança agora seu primeiro CD, com participações dos cantores Pitty e Milton Nascimento e do guitarrista Andreas Kisser, do Sepultura. O resultado vai agradar aos fãs de música instrumental com ambiência e peso.



CARLOS MADRUGA (Vozes)

Criado na zona sul de Porto Alegre, entre porteiras e cavalos, Carlos Madruga retrata em seu quarto CD, “Estampa Domingueira”, suas raízes gaúchas. O compositor, cantor e violonista tem uma obra calcada no nativismo, movimento ligado às tradições e com influências de países vizinhos, como Argentina, Uruguai e Paraguai. Em 15 músicas, como “O Couro do Touro” e “Romance Estradeiro”, ele navega entre a simplicidade, o rebuscamento e a nostalgia, e fala do cotidiano e das experiências do homem do campo.



ANA CLARA HORTA (Biscoito Fino)

Em “Órbita”, Ana Clara Horta apresenta seu debut, que reverencia as tradições da música brasileira com verve pop. Produzido pelo contrabaixista Mário Moura, do Monobloco, o disco não exalta apenas o talento vocal de Ana Clara: é ela também que assina as 11 canções, sozinha ou com parceiros como Gabriel Pondé e Rodrigo Cascardo. O repertório se agita com funk e maracatu e se refugia no blues e nas toadas interioranas.



TIM MAIA (Universal)

Entre as décadas de 1970 e 1980, Tim Maia, fincou a bandeira brasileira no território do soul e do funk. É justamente esse período o foco da caixa “Tim Universal Maia”, que reúne sete álbuns e um DVD lançados pela Polydor/Polygram. Estão incluídos os primeiros e hoje clássicos quatro discos de Tim, surgidos entre 1970 e 1973 e com alta concentração de sucessos, como “Primavera (Vai Chuva)”, “Azul da Cor do Mar” e “Gostava Tanto de Você”. O box ainda traz o especial de TV “Tim Maia in Concert”, gravado em 1989 para a Globo, com orquestra de cordas, no Hotel Nacional.



ARICIA MESS (Tratore)

Embora tenha surgido no cenário musical com grande impacto, nos palcos dos anos 1990, Aricia Mess é pouco conhecida em disco. “Onde Mora o Segredo” vem desfazer essa injustiça. Nas 11 faixas, ela retoma parceiros dos primórdios, como a letrista Suely Mesquita e Pedro Luis, integrante da primeira banda da cantora, que assina com ela “Interesse”. Tudo com a mistura neotropicalista de funk, soul, reggae, samba e eletrônica conhecida pelos fãs da artista.



INTERNACIONAIS



GOOGLE CENSURA TERMOS RELATIVOS À PIRATARIA

O Google anunciou providências para dificultar a vida de quem procura arquivos piratas na internet. As medidas foram uma reação à crescente pressão da indústria audiovisual, que estuda mecanismos para limitar o acesso à pirataria na rede. Um das novidades é o bloqueio do recurso “autocompletar” para algumas buscas relacionadas a páginas que hospedam e promovem a troca de conteúdo ilegal. O site também prometeu respostas rápidas, de até 24 horas, a pedidos para a retirada de resultados que contêm material em desacordo com as leis de direitos autorais. A empresa disse ainda que vai banir do AdSense, seu programa de geração de receita publicitária, páginas de incentivo à pirataria. A nova política será implementada nos próximos meses. No ano passado, associações americanas como Recording Industry Association of America (RIAA), American Society of Composers, Authors and Publishers (Ascap), Broadcast Music, Inc. (BMI) e National Music Publishers' Association (NMPA), entre outras, escreveram uma carta à empresa, pedindo que considerasse a proteção dos direitos autorais na proposta de uma política para a internet livre.

MIDEM 2011 REGISTRA MAIS PARTICIPANTES DO MUNDO DIGITAL

A edição 2011 de uma das maiores feiras musicais do mundo, a Midem, realizada em Cannes, na França, terminou em janeiro com um número revelador para a indústria: o crescimento de 30% na participação de representantes do mundo digital. Promovida desde 1967, a Marché International du Disque et de l'Edition Musicale reúne, durante quatro dias, desde gravadoras até empresas de telefonia. Este ano, as atenções estavam voltadas para o Midemnet Lab, que premiou inovações como o Jammbbox (aplicativo de iPad que cria revistas musicais personalizadas), o Next Big Sound (plataforma que mede a popularidade de artistas na web) e o Shuffler.fm (rádio virtual feita por blogueiros de música). Passaram pelo Palácio dos Festivais 6.850 pessoas. Entre os palestrantes, estavam o presidente da Sony, Tim Schaaff, e o cofundador do Foursquare, rede social especialmente desenvolvida para celulares, Naveen Selvadurai. A Confederação Internacional de Sociedades de Autores e Compositores (Cisac) – cuja mesa de diretores a UBC integra desde 2010 – incrementou sua participação no evento com o painel “Serviços Digitais e Sociedades de Autores – Construindo Parcerias Eficientes”, no dia 24 de janeiro. Confira mais sobre o evento em <www.midem.com>.



ESPAÑA CONTRA O DOWNLOAD SEM AUTORIZAÇÃO

Na Espanha, discute-se a proposta da chamada Lei Sinde, reforma da Lei de Propriedade Intelectual. Ela contempla a criação de um organismo administrativo (a Comissão de Propriedade Intelectual) que terá, após decisão judicial, poder de fechar sites que permitam download, sem autorização, de conteúdos protegidos por direitos autorais. A Câmara dos Deputados votou contra ela em dezembro. Em janeiro, porém, já tramitando no Senado, a proposta sofreu ajustes após negociações do governo com o conservador Partido Popular e o catalão CiU: uma emenda, fruto do acordo, propõe maior intervenção jurídica no processo de bloqueio dos sites, determinando que a investigação sobre a propriedade da página e o acesso a dados confidenciais, por exemplo, sejam feitos com autorização judicial. A votação continuaria em fevereiro.

NA HOLANDA, ILEGALIDADE NA MIRA

Estão avançadas as discussões do governo holandês com o mercado e as organizações de consumidores para elaborar uma legislação que limite o dano comercial do download ilegal de músicas e filmes. Entre as medidas com maior possibilidade de aprovação, está a da cobrança de uma licença mensal aos internautas que queiram baixar arquivos protegidos por direitos autorais. Esses recursos seriam repassados aos autores. Antes conhecida pela frágil política de combate à pirataria virtual, a Holanda vem mudando nos últimos anos. Em 2009, a Justiça baniu o conteúdo pirata do site de torrent Mininova, sediado no país. Agora, o governo pretende reunir as novas regras num projeto de lei e proibir definitivamente os downloads ilegais no prazo de três anos.



EVENTO INTERNACIONAL DISCUTIRÁ PROPRIEDADE INTELECTUAL

Depois de duas edições de sucesso, em 2007 e 2009, a World Copyright Summit volta a ser realizada nos dias 7 e 8 de junho, em Bruxelas, na Bélgica. A cúpula, dedicada à discussão da propriedade intelectual, reúne representantes responsáveis pela criação, licenciamento, produção, legislação e disseminação de produtos culturais. A conferência de dois dias tem como tema “Criar-Conectar-Respeitar”. Em pauta, está o futuro do direito de autor e o papel dos criadores e das organizações de classe na era digital. Os organizadores pretendem, mais uma vez, incluir no debate nomes ilustres como os que participaram das edições passadas. Em 2009, o evento contou com a presença dos cineastas Milos Forman e Fernando Trueba, e do músico Robin Gibb, dos Bee Gees, presidente da Cisac. Leia mais em <www.copyrightsummit.com>



SOPA DE LETRINHAS? NADA, MERCADOS ALTERNATIVOS!

**SOUNDBRANDING, AUDIOLOGO, JINGLE, TEASER...
EXPLORE CAMINHOS DIFERENTES PARA TRABALHAR
E DIVULGAR SUAS COMPOSIÇÕES**

Por Claudia Rodrigues

Meca dos antenados na moda, a loja Colette, em Paris, tem uma atmosfera especial. A trilha musical compilada pelo DJ francês Clément faz o ambiente. Na cafeteria paulistana, rústica e genuinamente nacional A Casa do Pilão, só toca MPB. A programação exclusiva foi montada pelo DJ Ronaldo Gasparian, da produtora Your Radio. Longe do apelo visual, o som vem ganhando espaço como ferramenta de comunicação. Impulsionado pelo marketing sensorial, o *soundbranding* é uma tendência com uma lista crescente de adeptos, entre lojas, redes, restaurantes, shoppings, supermercados... Nunca ouviu o termo? É a utilização da música para aproximar a marca do público, é transformar o conceito da marca em linguagem sonora. Em última análise, é um novo dial. E mais um caminho para os autores exporem suas criações.

Enquanto a Colette disponibiliza podcasts de suas compilações em seu site, crescem as plataformas para os artistas da música. Produtoras como Rádio Ibiza, Rádio Esfera e Tecla, no Rio, criam identidade musical de marcas e lugares. Seguindo o exemplo da pioneira Your Radio, criada há nove anos, estão DJs renomados como os produtores musicais e sócios Tatu Aquino e Felipe Venâncio, da 12ª Agência de Música, que assina a trilha do bar Pirajá, da Companhia Tradicional de Comércio, em São Paulo, com 300 músicas de artistas cariocas, e a do restaurante Maní, somente com cantoras nacionais da nova safra.

“Fica a lembrança de uma música que você escutou e você segue para o restaurante ou para a loja. É o *recall*”, diz Venâncio, cujas *playlists* costumam ter 70% de música brasileira.

De acordo com a empresa de pesquisa Entertainment Media Research, 84% dos clientes tendem a voltar a restaurantes e bares que tocam boa música; 90% dos frequentadores de lojas e 69% dos hóspedes de hotéis preferem trilha ambiente; e 74% dos pacientes afirmam que a música ajuda a relaxar em clínicas.

As empresas desenvolvem seus próprios mecanismos para levar a música adiante. O *musicdrive* (como um pendrive) criado por Felipe Venâncio toca três dias sem se repetir e é atualizado mensalmente. O preço é de R\$ 3 mil (em regime de comodato) e a mensalidade, de R\$ 100.

Segundo o DJ, nunca houve devolução. Ronaldo Gasparian usa o sistema Linux. A Rádio Esfera, que toca nas caixas da loja Foller, da academia Aquafix e, em breve, na delicatessen e restaurane Zona Zen, em São Conrado, no Rio, patenteou o Esfera Player, que consegue agir como um DJ a partir da catalogação prévia das músicas em categorias. O cliente ainda pode escolher entre *pump* (vibrante) ou *relax*. Segundo Pedro Salomão, a Rádio Ibiza está na terceira geração de um software com organograma musical que pode tudo.

“Criamos uma identidade musical, uma experiência auditiva que se associa ao estilo da marca. A cervejaria Devassa tem DNA brasileiro, artesanal e marketing ousado. A programação, por exemplo, tem partido alto e rock nacional. Aproveito para programar faixas de artistas desconhecidos ou que não tocam nas rádios convencionais. A Mart’nália entrou no *playlist* há seis anos, quando ainda era *cult*”, explica Salomão, que já amealhou 500 clientes.

No livro alemão “Audiobranding - Entwicklung, Anwendung, Wirkung akustischer Identitäten in Werbung, Medien und Gesellschaft” (em livre tradução, “Desenvolvimento, Aplicação, Efeito de Identidades Sonoras em Propaganda, Mídias e Corporações”), o expert John Groves, da Groves Sound Communications, sustenta que a Igreja criou o primeiro *soundlogo* a partir do uso dos sinos. O recurso – uma das ferramentas do *soundbranding* – é uma melodia curta que funciona como uma assinatura sonora. Há uma sinergia em que menos é mais, argumenta Groves em seu artigo. Alguns exemplos são o “plim plim” da Rede Globo e o *soundlogo* de quatro segundos da Intel. A Coca-Cola dominou o mundo ao inserir seu *audiologo* nas oito versões bilíngues do remix oficial da FIFA para Copa de 2010, “Wavin’ Flag”, cantado pelo somali-canadense K’naan. Foi hit número 1 na parada da Billboard em 15 países.

“O *soundlogo* faz você escutar o nome da marca sem precisar ver a logomarca. É um desafio para os autores. Tem que ser preciso e sucinto”, explica Lucia Jaimovich, formada em marketing e um dos vértices da Tecla Music Branding, que cuida do *soundbranding* de Richard’s, Coca-Cola, MTV e outras marcas.

Ao idealizar o *soundlogo* da Oi Novo Som, a Tecla quis transmitir novidade, jovialidade, coletividade, onipresença, animação e modernidade. A partir desse conceito, o músico mineiro João Ferraz conta que visitou o espaço e, em dois dias, bolou um arranjo com baixo, guitarra, tamborim e sampler.

Em caso de músicas próprias cedidas para publicidade, o artista negocia um valor baseado no peso de seu nome e sua obra e no alcance da veiculação

Para criar *soundlogos* ou *jingles*, os artistas recebem cachês. Da mesma forma, ganha-se pela criação e cessão de uma música-tema autoral e institucional. Em caso de músicas próprias cedidas para publicidade, o artista negocia um valor baseado no peso de seu nome e sua obra e no alcance da veiculação. Quando a música entra em *playlist* personalizado, o autor recebe os direitos autorais pela execução pública.

Segundo o gerente-executivo de arrecadacação do Ecad, Márcio Fernandes, 90% das 251 redes de estabelecimentos incluindo laboratórios e drogarias, têm sonorização customizada. A arrecadação aumentou em 14,9% no último ano. Em 2009, as redes repassaram à entidade R\$ 21.970.655, contra R\$ 25.244.013 ano passado. Em campanha contra a inadimplência, a rede O Boticário fez parceria com o Ecad, afirmando, em displays, que paga direitos autorais.

Induzir nosso pensamento (e comportamento) a partir de *jingles*, há tempos, é um poderoso recurso da publicidade. Há 30 anos, por exemplo, Lucinha Lins colou nas cabeças a letra da propaganda de um condomínio na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, composta pelo então marido Ivan Lins: “(...) Sou Barramares (...) se eu fosse você morava em mim”. Seu Jorge emprestou sua inspiração para criar e gravar uma música para comercial da Sagatiba que cita o fabricante de cachaça no refrão. Mas a abordagem, hoje, tem sido diferente. Ano passado, Celso Fonseca e Ronaldo Bastos compuseram a música “Canção Que Vem” para o comercial de fim de ano da Natura, feito pela agência W/Brasil. Com um detalhe: a música não deveria citar a empresa, nem o Ano Novo.

“É um mito achar que alguém fica rico com esse tipo de trabalho, mas a remuneração tem que fazer sentido. Acho que minha música casa com o estilo da marca. Não liberaria música para anúncio de cigarro ou de bebida”, resume Celso, que cedeu a música “Slow Motion Bossa Nova” para o comercial da Grendene e a faixa “Meu Samba Torto”, na voz de Clara Moreno, para uma coletânea da loja Enjoy.

O estilo *softsell* (venda suave) adotado pela Natura parece ser uma tendência crescente. Depois de montar a trilha da marca Enjoy, a Rádio Ibiza cuidou de criar uma música-tema para a grife e ainda lançou uma coletânea de MPB. “Natural do Rio” foi composta por Denis Porto, produtor dos Raimundos, e interpretada pela cantora capixaba Tamy.

A gerente de marketing Bianca Cerdeira explicou o que queria: uma samba-canção alegre sobre como a cidade

impacta a mulher que aqui vive. Tudo isso para passar a imagem da marca – casualidade, leveza, alegria, conforto e bem-estar.

“É um desafio porque o briefing do marketing não é poético e o artista tem que gerar um slogan poético. Conversei com dez mulheres para levantar vocabulário. Foi difícil escrever no feminino. Tive que fazer alterações. A primeira versão tinha mais profundidade. Isso incomoda, mas dá para engolir estes sapos temperados porque é um trabalho bem remunerado”, diverte-se Denis Porto.

Tamy revela que ganhou R\$ 10 mil para participar da gravação e de shows e se sentiu lisonjeada por ser escolhida para representar o estilo de vida carioca. Produtor, músico e cantor, Rodrigo Sha, que teve três faixas incluídas na trilha “Brazilian Lounge” da loja Osklen, diz que o problema é quando o trabalho não representa o artista.

“O *soundbranding* está abrindo caminhos alternativos e, nas produções, você agrega outros artistas”, diz ele, que estima um ganho entre R\$ 20 mil e R\$ 50 mil por produção de CD.

Denis Porto percebe que a turma jovem está mais consciente do marketing musical. De tanto ver crescer a demanda por *teasers*, assinatura sônica e identidade sonora, Denis resolveu abrir sua produtora, a V12 Music, com o baterista João Vianna, filho de Djavan, e o tecladista Nado Vicker. A Deckdisc negocia com uma grife jovem a produção de um projeto de sonorização com artistas do selo Vigilante. Até então, a gravadora só fazia parceria com as produtoras de *soundbranding* abastecendo-as com novidades. Segundo Fábio Silveira, diretor de novos negócios da gravadora, esta é uma divisão tão importante quanto as rádios, porque este marketing está se popularizando.

Para Roberto Menescal, diretor da gravadora Albatroz, o poder de divulgação de artistas via playlists ainda é pequeno

Lá fora, a discussão esquenta. Em outubro passado, no festival Songfest, em Londres, organizado pela British Academy of Songwriters, Composers and Authors (Basca), um dos debates era sobre o *soundbranding* como mercado para músicos e compositores, abordando quanto eles podem ganhar, o que devem ter em mente na hora de negociar a criação etc. Na Europa e Estados Unidos, os artistas procuram as produtoras para divulgar seus trabalhos. Isso ainda não é comum aqui, segundo Renan Ramirez, da Rádio Esfera, que conta com apoio de EMI, Som Livre e Albatroz. Para Roberto Menescal, diretor da gravadora Albatroz, no entanto, o poder de divulgação de artistas via *playlists* ainda é pequeno. O sucesso do remix de Felipe Venâncio para a composição “Noite do Prazer”, de Claudio Zolli, feito exclusivamente para um desfile da Forum, em 2000, prova o contrário. A música foi parar nas pistas, acabou sendo gravada em vinil pela Trama e o CD de Zolli “Na Pista”, da mesma gravadora (que não tinha a faixa remixada!), foi catapultado ao Disco de Ouro. Tudo isso por causa de um *soundbranding* a serviço da moda. 

OS DEZ MAIS... AQUI E LÁ FORA

Curioso para saber quais foram os associados da UBC com maior arrecadação no ano de 2010? Pois conheça abaixo as listas dos top ten em execuções no Brasil e no exterior.

EXECUÇÕES NO BRASIL

- 1 : Djavan
- 2 : Erasmo Carlos
- 3 : Herbert Vianna
- 4 : Carlinhos Brown
- 5 : Gilberto Gil
- 6 : Durval Lelys
- 7 : Manno Goes
- 8 : Chico Buarque
- 9 : Samuel Rosa
- 10 : Tim Maia

EXECUÇÕES NO EXTERIOR

- 1 : Heitor Villa-Lobos
- 2 : Adriano Cintra (Cansei de Ser Sexy)
- 3 : Marco Antonio Guimarães
- 4 : Luiz Schiavon
- 5 : Luisa Lovefoxxx (Cansei de Ser Sexy)
- 6 : Beto Villares
- 7 : Milton Nascimento
- 8 : Antonio Scarpellini
- 9 : Arnaldo Antunes
- 10 : Chico Buarque

VOCÊ SE MUDOU? NÃO DEIXE DE AVISAR!

Ano novo, vida nova, e, talvez, até casa nova. Pois é: caso você, associado, tenha mudado de endereço ou telefone, não se esqueça de atualizar estes e outros dados conosco. Esse tipo de informação é fundamental para nosso relacionamento. Para orientações, basta ligar para (21) 2223-3233. A UBC agradece!



A REDE SOCIAL

A UBC está expandindo sua atuação nas mídias sociais e chegou também ao Facebook. No endereço www.facebook.com/UBCMusic, você acompanha notícias sobre o mundo da música. Já passamos dos 900 amigos. Venha “curtir” essas novidades conosco.

DIREITOS PELA MÚSICA USADA NA INTERNET

O ano de 2010 foi marcado também por uma relevante iniciativa do Ecad no meio digital. No fim de novembro, o escritório passou a distribuir os valores de direitos autorais pagos pelas empresas e os usuários que utilizam músicas na internet. Nesta primeira distribuição, foi arrecadado R\$ 1,2 milhão, que beneficiou aproximadamente oito mil músicos. O valor, porém, é bastante baixo se comparado ao montante total distribuído ao longo de 2010, que atingiu mais de R\$ 285 milhões.



PATO FU

EM TURNÊ COM O SHOW EMBALADO POR INSTRUMENTOS DE BRINQUEDO, MÚSICOS DO PATO FU ENSINAM RECEITA DA BANDA, QUE MISTURA BOM-MOCISMO E OUSADIA

Por Gustavo Leitão. Fotos de Washington Alves

Quando um roqueiro casca-grossa quer implicar com o Pato Fu, geralmente lança mão de um apelido irônico: Pato Fofo. Até faz sentido. Para quem foi educado em transgressão por professores como Keith Richards, Jim Morrison ou Raul Seixas, o grupo mineiro embalado pela voz doce de Fernanda Takai dá aulas de bom comportamento. Atualmente envolvidos com a turnê de lançamento do disco “Música de brinquedo”, composto por versões de hits alheios em arranjos para instrumentos infantis, Fernanda e o marido, o guitarrista John Ulhoa, vivem seu momento mais família. Mas isso não significa que seu estúdio caseiro em Belo Horizonte, onde compõem nas brechas dos compromissos com a filha Nina, de 7 anos, e respondem pacientemente cada email de fã, seja um túmulo do rock.

- Nós somos uma banda de bons moços. A gente não quebra camarim, não dá trabalho para contratante... Sou uma cantora com uma voz mais para a bossa nova do que para o rock. Mas acho que esse contraste faz da banda o que é. Temos esse lado da fofura, mas somos agressivos no trabalho – define a vocalista.

A agressividade não está apenas nas guitarras envenenadas de músicas do quinteto como “Capetão” e “Eu”. Pode ser encontrada onde se menos espera, na forma de surtos de ousadia, como nos instrumentos coloridos de “Música de Brinquedo”, lançado em agosto do ano passado. Quer coisa mais arriscada do que fazer um disco só de covers, gravado sem grandes tratamentos de pós-produção, com um grupo de marmanjos empunhando calculadoras, elefantes de plástico e xilofones de latão e um coro de crianças às vezes deliciosamente desafinado nos backings?

“Temos esse lado da fofura, mas somos agressivos no trabalho”

Fernanda Takai

“Sabíamos que estávamos fazendo um disco diferente dos nossos de carreira, que só tocaria no rádio com muita sorte. Mas encaramos como um projeto especial, que duraria mais que um disco. Podemos fazer esse show para sempre, entre nossas apresentações normais”, empolga-se John.

Fã dos Muppets, o guitarrista-produtor há tempos sonhava em transformar em música algo que era a marca dos fantoches de Jim Henson, protagonistas de programas na TV americana: o apelo universal. Foi preciso outra turma de personagens, a do Snoopy, para dar a deixa com seu disco “Classiks on Toys”, com versões dos Beatles tocadas em brinquedos sonoros.

Com Charlie Brown na cabeça, John recolheu 12 músicas do repertório afetivo da banda - como “Sonífera Ilha”, dos Titãs; “Rock and Roll Lullaby” (BJ Thomas); “Live and Let Die” (Paul McCartney) e “Frevo Mulher” (Zé Ramalho) - e começou a experimentar tocá-las com as mais diversas traquitanas compradas em lojas de brinquedos, sites e oficinas de artesãos. A miniorquestra incluía escaleta, kazoo (uma espécie de flauta com um zumbido engraçado), teclado-calculadora, xilofone e miniaturas de bateria e cavaquinho. Para completar a festa, Nina e filhos de amigos dos músicos foram convocados para cantar nas faixas.

“Sabíamos que estávamos fazendo um disco diferente dos nossos de carreira, que só tocaria no rádio com muita sorte”

John Ulhoa

“Eu não queria um corinho com cara de ensaiado. Fizemos sessões de gravações muito rápidas, para registrar as manifestações mais espontâneas deles, antes que aprendessem as músicas totalmente”, lembra.

A seleção de clássicos nacionais e internacionais fez com que o projeto não só atraísse também os adultos como tornou a brincadeira comercialmente mais viável.

“Fazer essa loucura com um repertório nosso novo poderia ficar experimental demais. Por isso usamos esse truque sujo de apelar para músicas importantes. Elas são tão conhecidas que fica impossível não recorrer à memória, mas as mudanças de texturas e timbres quebram a expectativa do ouvinte”, resume Fernanda.

Se em CD o resultado – que lembra álbuns recentes como o de Adriana Partimpim e a trilha de “Onde Vivem os Monstros” - já provoca sorrisos no rosto de crianças e adultos, ao vivo a proposta fica ainda mais divertida. O show, testado no Rio e São Paulo, põe no palco os cinco músicos do Pato Fu como se fossem bonecos desajeitados de Gulliver manipulando equipamentos de Lilliput. Posando de criança hiperativa, John troca de instrumento várias vezes por música. O baterista Xande Tamietti tenta não aplicar muita força na bateria de aspecto frágil. No fundo do cenário, bonecos-cantores do grupo mineiro Giramundo substituem o coro infantil e arrancam gargalhadas do público.

“O maior trunfo do disco eram as crianças, mas não dá para inclui-las numa turnê, nessa profissão tão insalubre. Se elas fizessem um programa de TV, teriam que fazer todos os outros. Ainda bem que o que seria o ponto fraco do show acabou virando uma das coisas mais legais”, diz a cantora.

“A oferta de música aumentou muito com a internet, mas minha capacidade de absorver o novo é a mesma de sempre”

John Ulhoa

Nessas horas, fica claro o quanto o casal de músicos aprendeu a conjugar Fernanda Takai e John Ulhoa, líderes de banda, com Fernanda e John, mãe e pai. Na casa dos dois, na região da Pampulha, o cotidiano quase poderia ser confundido com o de uma família de médicos ou contadores. De manhã, o guitarrista vai para o estúdio caseiro, o 128 Japs, que fica atrás da piscina, para ouvir música e compor.

O expediente termina só lá pelas 20h. A cantora cuida da relação com o público. Tira as tardes para responder emails de fãs, dar entrevistas e cuidar da parte administrativa da banda.

Divulgação / Nino Andrés



“Meu despacho dura umas três horas diárias no escritório. Sou mais organizada, então sempre recorrem a mim para saber em que voo embarcar e coisas do gênero. Às segundas, preparo minha coluna para o “Estado de Minas”. Nunca atrasei uma em cinco anos”, gaba-se Fernanda, que só desafina nas suas função quando passa muito tempo em turnê: “A Nina reclama muito, sente minha falta”.

A chegada da filha, no meio da produção de “Toda Cura para Todo Mal” (2005), fez com que a banda desacelerasse sua rotina. Foram sete meses de hiato de shows e dois anos até o lançamento de “Daqui pro Futuro”.

“A volta foi longa, como fazer um elefante parado voltar a andar. Mas foi saudável depois de 11 anos de carreira. Desde então, nunca mais repetimos o ritmo do começo, quando fazíamos turnê indo para o Nordeste e descendo aos pouquinhos”, conta a vocalista.

Recentemente, outra faceta se infiltrou nessa dupla jornada com o lançamento de “Onde Brilhem os Olhos Seus”, primeiro disco solo de Fernanda. Uma das vozes mais elogiadas do rock brasileiro – em 2001, foi eleita uma das dez melhores cantoras do mundo pela revista “Time” -, há três anos ela aceitou o convite de Nelson Motta para revisitar o repertório de Nara Leão. Com o trabalho, garfou o prêmio de melhor disco da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA). Depois, registrou a turnê no álbum ao vivo “Luz Negra”, fez participações em shows como o de João Donato e passou a seduzir um público não acostumado ao rock de espírito pop e bem-humorado do Pato Fu.

“No início houve resistência dos fãs da banda, que acharam que nosso trabalho pudesse ser prejudicado. Mas depois ganhei um público que não conhecia a gente direito – comemora Fernanda, que por contrato ainda tem um álbum solo para entregar à gravadora Deckdisc: - Não tenho prazo, o que é muito bom porque ainda não sei que repertório gravar. Sei que fazer outro projeto dedicado a alguém como Rita Lee ou Clara Nunes, cantoras que eu adoro, seria comercialmente ótimo. Mas me dá uma pequena sensação de preguiça, me incomoda. John fala que estou sempre remando contra a maré.

“A volta foi longa, como fazer um elefante parado voltar a andar”

Fernanda Takai

O fato é que a recém-lançada carreira solo já exhibe frutos de veterana. Em janeiro, a cantora foi convidada pelo cerimonial da presidenta Dilma Rousseff para cantar na Praça dos Três Poderes, durante sua posse, ao lado de Elba Ramalho, Gaby Amarantos, Mart'nália e Zélia Duncan. A simpatia é mútua. Desde a época de ministra de Lula, Dilma manifestou publicamente ser fã da vocalista. Fernanda, por sua vez, não teme escancarar sua tendência política.

“Como banda, sempre combinamos não fazer campanha porque é difícil haver um consenso. No entanto, na qualidade de artista me dou o direito de ter minhas preferências pessoais”, defende.

Atualmente, diz ela, sua prioridade é o grupo. Enquanto seguem na turnê de “Música de Brinquedo”, que deve durar pelo menos mais um ano, os patos já começam a reunir canções para um próximo disco de músicas próprias. O último CD de inéditas vai completar quatro anos de lançamento.

“Eu nunca paro de compor, mas na estrada o ritmo é mais acelerado. Para a carreira, é bom não deixar passar muito tempo ou o público começa a te esquecer”, afirma John, que considera cada álbum um instantâneo de uma banda. - Músicas compostas e arranjadas na mesma época acabam



tendo uma unidade, sem necessariamente terem um tema por trás. É como um retrato daquele momento.

Enquanto Fernanda divide seu tempo entre a carreira solo e a banda, o guitarrista exercita um alter ego: o de produtor. Ligado em tecnologia, está sempre fuçando novos plugins (softwares que compõem outros programas) para aplicar ao seu trabalho com bandas como a brasileira Lucy and The Popsonics. Outro dia, comprou um iPhone e viu os aplicativos musicais virarem uma cachaça. John só não lida bem com a velocidade e a exposição excessivas destes tempos de banda larga. Tentou gostar do Facebook, mas acabou cancelando seu perfil. A rapidez com que novas bandas se projetam no mundo virtual também incomoda.

“A oferta de música aumentou muito com a internet, mas minha capacidade de absorver o novo é a mesma de sempre. Música para mim é meio religioso, não consigo usar como trilha sonora. Se tem um disco rolando enquanto estou no computador, vou parando de digitar para prestar atenção em alguma parte”, diz.

“Fazer essa loucura com um repertório nosso novo poderia ficar experimental demais”

Fernanda Takai

Para o músico, que usa a internet para conhecer novidades em sites como MySpace e YouTube e saber o que comprar em disco, a troca de arquivos musicais pela rede, que seria uma oportunidade de oferecer faixas raras gratuitamente pelos artistas, acabou saindo pela culatra com a pirataria indiscriminada ganhando espaço.

“Nós fomos uma das primeiras bandas a ter site, onde disponibilizávamos conteúdo livre como complemento dos nossos álbuns. Mas começamos a perceber que o público não queria aquilo. Queria ter, de graça, a música que estava tocando no rádio”, lembra John, que sonha com o dia em que de fato se criará uma nova relação comercial na internet: “Já vimos que esse apelo à consciência de quem pirateia não funciona. Temos que elaborar um modelo comercial de streaming remunerado. Não haveria mais a necessidade de baixar nada. Seria como uma rádio, com anúncios, onde o sujeito pudesse ouvir o que quer e os artistas teriam seus direitos autorais devidamente pagos por esse provedor”.

Fernanda defende que o CD físico volte a ser valorizado, para atrair quem ainda não se acostumou à falta de charme dos arquivos trocados virtualmente.

“Todo mundo gosta de coisa grátis, é evidente. Mas se for grátis para o ouvinte, quem paga meu dentista, meu supermercado? Um caminho pode ser investir nos encartes caros, caprichados, para fazer com que o CD volte a ser um objeto de desejo, de compra, um presente valorizado”, sugere.

Nessa hora, a sempre suave voz de Fernanda Takai ganha um tom mais disperso e o repórter percebe que é o momento de encerrar a entrevista. Nada a ver com o rumo da prosa:

- Você pode guardar umas perguntas para o John? É que está na hora de buscar a Nina... **C**

BOMBACHAS, CAVALOS E VIDA RURAL



NA WEB

VEJA COMO A RICA SONORIDADE TRADICIONAL GAÚCHA SE PERPETUA E SE FORTALECE EM TEMPOS DE FACEBOOK, TWITTER E AFINS

Por Ana Lúcia Borges * Fotos de divulgação

É música tradicional gaúcha? Ou será regional gaúcha? A nomenclatura e as definições variam, e, na verdade, talvez seja até injustiça tentar aprisionar sob um único nome esse rico movimento. Uma sonoridade que, com um pé no passado, se faz revelar pelos acordes do violão e da gaita e canta temas como a lida no campo e as aventuras sobre o cavalo. Mas, ao mesmo tempo, com um pé no futuro, se divulga pelas mídias digitais. E, acima de tudo, conquista uma geração nova, perpetuando-se por meio de uma "gurizada" talentosa.

Indagado sobre o porquê de a música do Rio Grande do Sul – muitas vezes abrigada sob o guarda-chuva de “movimento tradicionalista” – ter tamanha força, o bem-humorado cantor e compositor Dionísio Costa, que traz na bagagem mais de 500 canções gravadas, explica tais permanência e diversidade.

“Dentro do estado existem vários estilos. Na fronteira, há influência dos países vizinhos, com ritmos como milonga e chamamé. Na Serra, há a tradição de duetos de gaita. Há ainda a vertente missioneira, com temas voltados para questões sociais. A música dita gaúcha, em si, tem várias facetas. Sem falar nas de festa, de baile...”, enumera, acrescentando que a tradição permanece, principalmente, por um fator crucial: a hereditariedade. “É isso que faz nossa música ser bem aceita no Paraná, em Santa Catarina. Sua permanência se dá pelo fato de essa cultura passar de pai para filho. E pela forma como, ao longo do tempo, se adapta. Hoje, temos acesso fácil aos meios de comunicação digital, o que ajuda a divulgar as canções e atingir outros públicos”, diz.

Dionísio, que começou a carreira de cantor como músico de conjuntos, em 1989, hoje acumula cinco CDs gravados. Mas foi a partir de 1998 que começou a compor por encomenda para outros artistas, como Tchê Barbaridade – seguido por

nomes como Os Serranos, Os Monarcas, Gaúcho da Fronteira, Osvaldir e Carlos Magrão, João Luiz Corrêa. No momento, trabalha para 12 CDs e dois DVDs de outros artistas (compondo, dando consultoria e afins). “Quanto mais gravo, mais me conhecem e mais querem”, diz ele, prestes a lançar o terceiro CD solo, que deve sair pela Acit até abril. Aos 47 anos e cheio de disposição para compor, afirma que os temas, em geral, são gauchescos, mas que “nem tudo é só bombacha e cavalo”: “Não fujo à temática regional, mas falo de amor, de questões sociais”.

Versatilidade e constante reinvenção também são marcas do conjunto Os Campeiros, de Caxias do Sul, que começou a trilhar a carreira em 1991. Quem conta é o fundador, Espedito Abrahão, ao definir a música gaúcha como sul-brasileira – mas sedenta por ultrapassar essas fronteiras.

“O grande objetivo d’Os Campeiros é que sejamos ouvidos em todo o Brasil, assim como a música baiana, por meio de ícones como Ivete Sangalo e Daniela Mercury. Temos canções animadas, como a ‘Nossa Maneira’, capazes de fazer qualquer um se levantar e dançar”, conta, revelando que o grupo de sete integrantes tem muita gente jovem, como seu filho, de 19 anos, Espedito Jr., que compõe, canta e toca guitarra.

“Falamos do lugar de onde vieram meus antepassados, do interior, da lida rural. Até os 12 anos, trabalhei na roça, carpindo, colhendo milho em dia de geada. Temos a vontade de cantar nossa terra. Mas, como as gravadoras atravessam dificuldades, muitas vezes nós é que corremos atrás de divulgar esse trabalho. Usamos Orkut, Twitter, Facebook, MySpace, YouTube e rádios para que nos conheçam. Mas ainda é difícil entrar na grande mídia”, conta ele, que mantém um site bacana do grupo, e tem na agenda shows em rodeios, festas temáticas, bailes...

Espedito, que já dividiu em companhia d’Os Campeiros o palco com artistas do quilate de Gaúcho da Fronteira, Fala Mansa e Milionário e José Rico, revela ainda um sonho: ter uma canção gravada por Sergio Reis. “E também imagino Milionário gravando a nossa ‘Sonho Meu’”, conta, dizendo que, recentemente, o grupo abocanhou o Festival de Farroupilha com a música “Eterno Campeiro”.

Aos 45 anos, Antonio Cesar Pereira Jacques, o Baitaca, canta há mais de três décadas, mas só gravou há 15 anos, por falta de oportunidade. Compôs 95% do material que integra seus nove CDs e dois DVDs, lançados por gravadoras sulistas como Vozes e Acit. Natural de São Luiz Gonzaga, também lamenta a dificuldade de esse estilo regional penetrar no mercado: “A música gaúcha nunca parou, e não vai parar. Mas sempre precisamos de mais incentivo. Ainda mais com a concorrência do material baixado na internet, enfrentada pelas gravadoras”, comenta ele, que, em 2010, lançou “Estampa de Galpão”, com faixas como “História do Tico Louco”, “Peão Caprichoso” e “Gastando o Taco da Bota”. Na capa, orgulho da temática tradicionalista: chapéu e lenço no pescoço, laço na mão e cavalos ao fundo. 

AS 1100 FAZELAS DE MUNIZ



COM CENTENAS DE MÚSICAS GRAVADAS, E PAI DE SUCESSOS COMO “DORMI NA PRAÇA”, O COMPOSITOR CAPIXABA ESTÁ MAIS ATIVO DO QUE NUNCA

Por Eduardo Fradkin * Foto de divulgação

Como cantor, o capixaba Elias Muniz não deu muito certo, o que ele mesmo admite. Mas talento para fazer sucesso com música, ele tinha. Há pouco mais de 20 anos, descobriu o caminho ao emplacar, como compositor, uma música de êxito num festival, depois gravada pela dupla João Mineiro e Marciano. Desde então, criou várias outras que estouraram nas rádios, como “Dormi na Praça” (interpretada por Bruno e Marrone), “Adoro Amar Você” (uma parceria com Peninha, gravada por Daniel) e “Ela é Demais” (hit de Rick e Renner). Um dos maiores arrecadadores de direitos autorais do ano passado, segundo o Ecad, ele já tem mais de mil canções gravadas. Aos 50 anos, está mais ativo do que nunca. Começou o ano fazendo músicas para Daniel e agora está produzindo material para um novo disco do Raça Negra.

Você já dormiu na praça?

ELIAS MUNIZ: Nunca (*risos*)! Fiz essa música com a Fátima Leão. A ideia surgiu do nada. Na época, estávamos fazendo várias canções juntos. Não podíamos imaginar que essa faria o sucesso que fez. Existem três gravações dela com a dupla Bruno e Marrone. As duas primeiras não estouraram. Só na terceira vez é que a música pegou.

Você tem uma fórmula para compor?

MUNIZ: Há músicas que vêm muito facilmente. Pego o violão e, de repente, a canção nasce. Outras demoram mais, são iniciadas num dia e completadas em outro ou ao longo de alguns dias. Eu costumo anotar ideias no papel e depois trabalho em cima disso. Minha única fórmula é começar pela melodia e, a partir daí, pensar numa letra.

O amor e as decepções amorosas norteiam boa parte das letras da música sertaneja. Fugir disso é muito difícil ou esse tema é inesgotável?

MUNIZ: Músicas que falam sobre um amor que não dá certo emocionam mais. A maioria das pessoas tem problemas amorosos. Por isso, músicas românticas têm mais força. Mas também gosto de criar músicas com mensagens positivas e músicas sobre as mulheres, falando da grandeza delas.

Você ainda trabalha com a Fátima Leão?

MUNIZ: É uma coincidência você perguntar isso, porque acabamos de fazer duas músicas, em cinco ou seis horas. Trabalhamos num ritmo intenso juntos. Tenho poucos parceiros, e a Fátima está entre eles. Os outros são o Luiz Carlos, da banda Raça Negra, com quem fiz canções de sucesso como “É Tarde Demais”, o Peninha e o Carlos Colla.

Você compõe pensando na voz do intérprete a quem a música será oferecida?

MUNIZ: Sim. Neste início de ano, por exemplo, criei melodias que se encaixam na voz do Daniel. Ele está montando

repertório para entrar em estúdio. Fiz meia dúzia de músicas novas pensando nele. Se ele gravar uma, já está ótimo. Existe uma afinidade entre o meu estilo de compor e o jeito dele de cantar. Mas isso não significa que ele recebe minhas músicas e grava todas. As que ele não quiser, eu posso oferecer a outros artistas. Artistas de diferentes estilos podem pegar uma música e, se ela for realmente boa, fazê-la funcionar.

Algumas de suas composições mais famosas foram recusadas pelos artistas para quem foram inicialmente oferecidas?

MUNIZ: Sim, claro. A canção “Você Vai Ver”, feita em parceria com Carlos Colla, demorou a ser gravada. Foi mostrada a alguns artistas. Quem primeiro a recebeu foi uma dupla feminina do Rio de Janeiro. Depois, ela circulou um pouco e ganhou duas gravações, uma delas pela cantora Jayne. Mas só quando Zezé di Camargo a gravou virou sucesso. A música “É Tarde Demais” é outro exemplo. Foi recusada por vários artistas e acabou fazendo sucesso de maneira curiosa. O Raça Negra estava fazendo show em Fortaleza e a tocou durante uma passagem de som. Havia gente de uma emissora de rádio, e foi feita uma gravação que começou a tocar na programação. Em poucos dias, estava em primeiro lugar nas paradas locais. Em questão de meses, já era ouvida no Brasil todo. Às vezes, uma música é mais forte do que a gente imagina, e ela abre o seu próprio caminho.

Você trabalha apenas como compositor? Sente saudade do tempo em que era cantor?

MUNIZ: Eu gosto de estúdio. Nunca gravei o disco que realmente gostaria de ter feito. Ainda pretendo fazê-lo, com canções que quero muito registrar. Tenho algumas guardadas que são muito pessoais e nunca ofereci a ninguém. Mas não tenho saudade da correria da vida de intérprete. Para mim, criar música é uma necessidade diária, e conciliar isso com uma agenda de shows é inviável. Como cantor, lancei cinco discos, sendo três no tempo do vinil e dois CDs. Mas fiz tudo errado e fui um artista meia-boca. Não mergulhei naquilo. Fiz pouca divulgação, viajei pouco, não promovi meu trabalho. A culpa foi minha mesmo.

Quantas músicas você tem em seu catálogo?

MUNIZ: Gravadas, tenho cerca de 1.100. Inéditas, devo ter 300, no mínimo.

Como você entrou no mercado sertanejo?

MUNIZ: Foi por volta de 1989. Meu editor me procurou e me perguntou por que eu não mandava uma música para o Festival Rímula de Música Regional. Então, compus “A Viola Está Chorando”, que se tornou um grande destaque daquela edição do festival. Em seguida, foi gravada pela dupla João Mineiro e Marciano, que estava no auge na época. A partir daí, passei a ser procurado por artistas desse gênero musical.

Quem você gostaria que gravasse uma música sua?

MUNIZ: Roberto Carlos. Já me encontrei com ele, rapidamente. Eu disse que era seu fã e que estava na área.

Vive-se bem de música hoje no Brasil?

MUNIZ: O que resta ao compositor é o direito autoral de execuções públicas. A venda de discos afundou. É uma pena. A pirataria é um problema no mundo todo, mas no Brasil é ainda pior, porque quem comete esse crime aqui geralmente não é punido. Como tenho mais de mil músicas gravadas e muitas continuam a ser executadas, vivo bem do que faço. Mas continuo trabalhando bastante. 



Em entrevista à Revista UBC, o produtor musical, cantor, compositor e multi-instrumentista dá pistas para seu sucesso: ‘sou curioso e me divirto com música’

Por Eduardo Fradkin * Fotos de divulgação

KASSIN



+ Wilson das Neves

QUER SEMPRE



+ Jorge Mautner



+ Marcelo Camelo



+ Adriana Calcanhotto, Domenico Lancelotti e Moreno Veloso

Antes de se dedicar à música, Alexandre Kassin fez um pouco de tudo. Começou a trabalhar cedo, aos 13 anos, como *office boy*. Depois, foi contratado pela Suderj como digitador e ainda fez bicos como garçom e segurança. Aos 36 anos, ele continua se desdobrando, mas de uma forma bem mais prazerosa. Passa seus dias em palcos e em estúdios, metido em um círculo vicioso de música. Ele compõe, produz (obras autorais ou alheias) e toca (com artistas como Adriana Calcanhotto e grupos como a Orquestra Imperial). Também é famoso por investir em novos talentos. No momento, está mixando o primeiro disco de um músico desconhecido que o entusiasmou, o carioca Vitor Patalano, radicado em São Paulo.

“O nome desse projeto é ‘Me and the Plant’, e todas as canções são em inglês. Vitor e eu temos amigos em comum que nos apresentaram. Ele queria ajuda para gravar um álbum e me mandou 60 demos! Nelas, ele cantava e tocava todos os instrumentos de uma banda de rock. Quando ouvi, achei tão bom que sugeri a ele lançar o material como estava. Mas ele quis gravar ao vivo, montar uma banda”, conta o também multi-instrumentista Kassin, que prontamente reuniu um time de peso, com o baterista Rodrigo Barba e o baixista Gabriel Bubu, ambos do Los Hermanos, e o tecladista/guitarrista Marcos Lobato, ex-O Rappa: “Chamei também o lendário engenheiro de som Roy Cicala, que foi dono do estúdio Record Plant, em Nova York. Ele está morando no Brasil e tem um estúdio aqui, em São Paulo. Estamos em fase de mixagem”.

Dizer com quem Kassin anda é dizer um pouco quem ele é: bem enturmado no meio musical, mas sempre atrás de algo inédito. O processo de descoberta de talentos é encarado como diversão e não requer um método de trabalho.

“Recebo muito material e gosto de ouvi-lo. Não fico necessariamente garimpando, mas sou curioso e me divirto com música. Vou escutando no carro, enquanto lavo louça ou dou banho nas minhas filhas”, afirma ele, definindo-se mais como um ouvinte do que um intérprete. “Eu toco várias coisas mal. Baixo e guitarra, um pouco melhor. O que me levou aos instrumentos foram os discos, para poder tocar junto com eles. Como músico, faço bem algumas coisas, e outras, não. Então, não acho que sou um músico. Eu não toco em casa. Não tenho, por exemplo, um baixo em casa, só no estúdio. Sinto necessidade de ouvir música, mas não sinto necessidade de tocar”.

A curiosidade musical o leva a raramente repetir CDs em seus aparelhos, a ponto de não saber dizer quais os que mais ouviu na vida. Com esforço, cita um artista que figura com alguma constância em seu dia a dia, Jorge Ben Jor. Kassin não se prende a estéticas ou escolas e, apesar de ser fã de bossa nova e música clássica, rejeita o saudosismo.

“Acho que quem não vê novidade nas coisas já largou o osso. A música é um reflexo do mundo, e seria muito estúpido achar que tudo está estagnado, que nada mais é como era. Isso é ridículo. Estamos vivendo um momento interessantíssimo. Sou feliz de poder ver isso acontecer, de poder ver a música extrapolar tudo e ser mais democrática e acessível”, comemora.

Como músico, ele contribui para que sua arte favorita não pare no tempo. Em 2005, por exemplo, lançou o CD “Free U.S.A.”, feito com um instrumento nada convencional, um Game Boy. Ele explica que estava passando uma temporada

no Japão e, certo dia, acessou o chip de som interno do videogame, fazendo dele um sintetizador e uma bateria eletrônica. O tema das músicas daquele disco também era atual, protestando contra a invasão do Iraque. O assunto lhe interessava particularmente, por ele ser filho de um americano.

O instrumento principal de Kassin, no entanto, continua sendo o baixo. Começou a tocá-lo aos 12 anos, graças a um vizinho talentoso, o bossanovista Edson Lobo, casado com a cantora Tita Lobo.

“Eu tocava violão, mas todos os dias ouvia Edson tocando baixo. João Donato, Idriss (Boudrioua) e outros grandes músicos passavam por lá para tocar com ele e Tita, e eu ia ouvir. A influência do Edson me levou ao baixo. Até hoje, quando toco, sinto que tenho internamente aquele som do Edson na minha cabeça. Tita Lobo é uma compositora, cantora e violonista primorosa. Esse casal e os discos que eu ouvia com meu irmão foram a minha escola. Acho até engraçado que, para a minha geração, a bossa nova era uma coisa morta, coisa de velhos, mas, para mim, sempre foi viva. O rock, eu ouvia nos discos, mas a bossa e o jazz eram vivos embaixo da minha casa”.

O ecletismo sempre foi uma qualidade do baixista. Por algum tempo, trabalhou como discotecário e tocava vários estilos, como rock, salsa, samba, soul e eletrônico. Confessa que adoraria executar ao piano obras como as de Debussy, mas, como nunca estudou esse repertório da forma correta, prefere apenas “sentar em frente à vitrola”. Já chegou a tentar compor uma peça para metais e percussão, mas, anteendo dificuldades para a sua execução, abandonou-a. O mais próximo que chegou desse universo foi quando fez a trilha sonora instrumental de uma animação japonesa chamada “Michiko e Hatchin”. Porém, ao mesmo tempo em que alimenta o sonho de se aventurar no clássico, ele também acalenta o de trabalhar com a cantora de tecnobrega Gaby Amarantos. Para Kassin, a segmentação de gêneros é algo irrelevante.

“Música é música. Se a forma de notação vai ser a partitura ou um sequenciador, qual a diferença? O que importa é se está bom ou ruim. Se alguém está fazendo algo muito complexo e virtuoso, mas soa chato, qual é a graça?”, provoca ele, acrescentando que também adoraria gravar pagode e forró: “Se eu quisesse fazer a mesma coisa todos os dias, trabalharia num banco e ganharia mais dinheiro”.

Sempre cheio de trabalho, Kassin começa em fevereiro a mixar o seu próximo CD autoral, “Sonhando Devagar”, sem os habituais parceiros Moreno Veloso e Domenico Lancelotti (com quem mantém o projeto + 2). Nele, canta e toca guitarra, baixo e teclado. Mas faz questão de mostrar tudo o que grava aos dois amigos, e algumas faixas têm Lancelotti como coautor. Com a Orquestra Imperial, também pretende entrar em estúdio este ano.

Refletindo sobre o que faz um compositor ou uma música serem bem-sucedidos, ele conclui que “a relevância da obra é normalmente medida pela relevância que teve para o público” e que o talento, sem os meios certos de divulgação, não garante isso. Como exemplo, ele cita um disco que gravou – “Sabotador de Satélites”, de Totonho e os Cabras – e classifica como um dos melhores discos brasileiros de todos os tempos, embora quase ninguém o tenha ouvido. Curioso como é, Kassin certamente teria escutado esse álbum mesmo que não estivesse envolvido nele. 



SUA OBRA FOI EXECUTADA NA TV... E AGORA? COMO SERÃO CALCULADOS SEUS DIREITOS?

ENTENDA COMO FUNCIONA A DISTRIBUIÇÃO DE UMA DAS RUBRICAS DE MAIOR REPERCUSSÃO DO ESCRITÓRIO CENTRAL DE ARRECADAÇÃO (ECAD): A DE TV.

O valor de cada execução de música em TV, ou valor do ponto das rubricas de TV, como chamamos, depende da receita arrecadada da emissora e da quantidade de segundos com músicas executadas, descontado o percentual de administração do Ecad e da UBC. Ou seja: a quantia que você vai receber depende de quanto a emissora pagou de direitos autorais e de quanta música foi utilizada.

O valor total pago pela emissora de televisão será distribuído com base nas planilhas de execução fornecidas pela própria TV, a difusora da programação. Tais listas contêm obras e fonogramas executados. O Ecad faz uma auditoria nestas informações: dispõe de um departamento cujo trabalho é ouvir trechos de programas de TV, identificar as músicas utilizadas e verificar se a informação da planilha está correta. A distribuição dos direitos autorais ocorrerá conforme a duração de cada utilização da obra, obedecendo à proporção de 2/3 para a parte autoral (compositores) e 1/3 para a parte conexa (intérpretes).

Feita essa divisão, partimos para a classificação das músicas pelo tipo de utilização. Algumas obras têm maior destaque na programação televisiva; outras são utilizadas como música de fundo. Essa diferença também se reflete na distribuição e segue a seguinte tabela:

1/12	Obras de background (fundo musical)
1/12	Demais obras
1	Tema de abertura
2/3	Tema de personagem
1/2	Performance

Como o valor do ponto depende de quanto tempo de música foi usado na programação e de qual é o montante pago pela emissora naquele período, não é possível prever a quantia final antes da distribuição. Mas, para usarmos como base, veja abaixo alguns exemplos:

Na distribuição de TV aberta de outubro de 2010, por um segundo de execução uma obra classificada como tema de abertura na Rede Globo recebeu R\$ 10,20. Já o fonograma desse tema de abertura recebeu R\$ 5,10 pelo mesmo tempo de execução. Uma obra utilizada como background nessa mesma emissora, por sua vez, recebeu R\$ 0,85, e o fonograma, R\$ 0,42.

Na Rede Record, o valor que uma obra tema de personagem recebeu foi de R\$ 3,45, e o fonograma, R\$ 1,72.

Uma performance de um segundo na SBT recebeu R\$ 3,66 para a obra. Por sua própria característica, a performance não tem execução.

A performance na Globo valia R\$ 5,10. Portanto, se uma banda interpretou uma obra de sua autoria durante 60 segundos no “Domingão do Faustão” no mês de abril de 2010, por exemplo, esta execução teria rendido R\$ 306.

ENTENDA AS CLASSIFICAÇÕES

TA (Tema de abertura/encerramento) - Classificação atribuída à obra musical executada no início ou ao final da programação. Exemplo: música que toca na abertura do “Jornal Nacional”.

TP (Tema de personagem) - Exemplo: a obra “Você não Vale Nada” (Dorgival Dantas), interpretada pelo grupo Calcinha Preta, tocava sempre que Norminha (papel de Dira Paes) entrava em cena na novela “Caminho das Índias”.

PE (Performance) - Execução feita ao vivo pelo intérprete. Exemplo: uma banda que se apresenta em atrações como “Altas Horas”, “Programa do Jô”, “Domingão do Faustão” etc.

BK (Background) - Obra utilizada como fundo musical, ou como ida e volta de comerciais.

DM (Demais obras) - Execuções em clipes musicais, pequenos trechos de DVDs, cenas de shows dentro de um programa, entre outras utilizações.

TV FECHADA

No caso da TV por assinatura, o sistema é diferente. A verba total arrecadada será rateada por grupos classificados em razão da característica de sua programação, na seguinte proporção:

45%	Grupo audiovisual (canais de filmes, desenhos animados e seriados)
35%	Grupo variedades (canais que têm programas de auditório, shows e programação variada)
10%	Grupo jornalismo (canais de jornalismo, esporte, documentários e entrevistas)
10%	Grupo alternativo (canais educativos, retransmissão de televisão aberta, outros)
10%	Grupo música (canais exclusivamente de música)

CALENDÁRIO DE PAGAMENTOS DE TV

TV aberta
Janeiro – execuções de julho a setembro do ano anterior
Abril – execuções de outubro a dezembro do ano anterior
Julho – execuções de janeiro a março do mesmo ano
Outubro – execuções de abril a junho do mesmo ano

TV fechada
Fevereiro – execuções de janeiro a junho do ano anterior
Agosto – execuções de julho a dezembro do ano anterior

COMO ESTÃO OS PAGAMENTOS HOJE?*

Globo
Faz depósitos parciais dos valores devidos em juízo. Recentemente, os levantamentos judiciais de tais pagamentos realizados pela emissora foram suspensos, o que foi informado em comunicado enviado em novembro de 2010 (<http://tinyurl.com/TVGlobo>).

Bandeirantes
Em dezembro de 2010, foi feita a primeira distribuição parcial de direitos autorais de execução pública das músicas executadas na emissora referente ao acordo firmado em agosto de 2010, fruto da vitória obtida pelo Ecad em 2009, após anos de disputa no Judiciário. Nesta primeira etapa, mais de seis mil compositores, intérpretes e músicos foram beneficiados com o repasse de R\$ 5,6 milhões. A próxima distribuição dos valores retroativos provenientes desse acordo acontecerá em julho de 2011. E mais: a partir de abril, a distribuição de exibições atuais passará a seguir o calendário regular referente à TV aberta.

SBT
Enfrenta ação (valor está sendo levantado judicialmente), mas questiona o montante que está depositando na Justiça.

Record
Paga regularmente 2,5% sobre o faturamento.

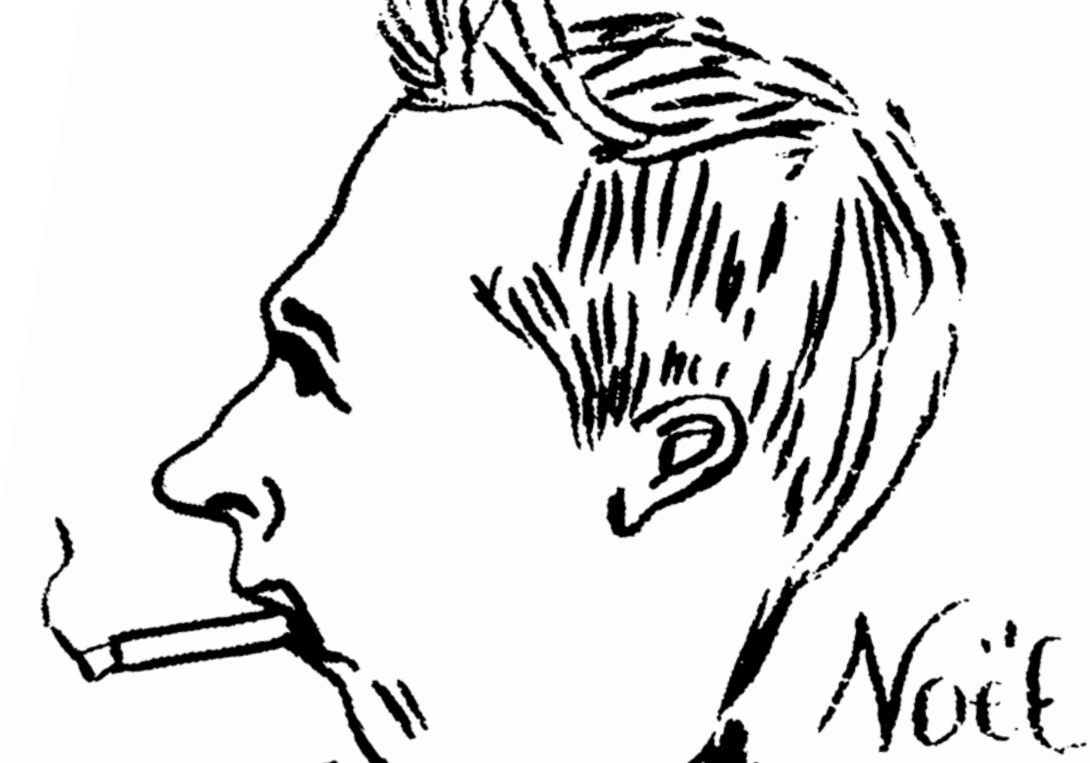
Rede TV
Em litígio.

TVA
Está em dia. As distribuições ocorrem em fevereiro e agosto.

Sky
Enfrenta ação judicial.

Net
Enfrenta ação judicial.

*Fontes: Gerências geral e de operações da UBC e Superintendência Executiva e Gerência Executiva de Arrecadação do Ecad.



Tenho a intenção de pôr no mercado uma tiragem de mil discos cujo repertório contém obras de Noel Rosa. Gostaria de saber se as composições do autor estão em domínio público. (Léo Bigode)

REVISTA UBC:

Prezado Léo,

Uma obra entra em domínio público quando termina o prazo de proteção aos direitos patrimoniais do autor. De acordo com a Lei 9.610/98, esses direitos perduram por 70 anos, contados do dia 1º de janeiro do ano subsequente ao falecimento do autor. Em caso de coautoria, esse prazo será contado a partir da morte do último dos coautores.

Noel Rosa faleceu em 04/05/1937, ou seja, há 74 anos. Portanto, as obras que compôs sem parceiros estão em domínio público, como: “Com que Roupa”, “Palpite Infeliz” e “Fita Amarela”. No entanto, Noel teve parceiros como Ary Barroso (“De Qualquer Maneira”, “Estrela da Manhã” e “Mão no Remo”) e Lamartine Babo (“A. B. Surdo”, “Nega” e “Menina dos Olhos”), que faleceram posteriormente. Essas obras entrarão em domínio público apenas quando decorrer o prazo de 70 anos do falecimento dos parceiros.

Braguinha, também parceiro de Noel, morreu em 2006, aos 100 anos de idade. Por esse motivo, obras como “As Pastorinhas” e “Samba da Boa Vontade” permanecerão protegidas por um bom tempo. ☑

QUEM É QUEM NA UBC: ELAS SÃO PARTE DESSA HISTÓRIA

Por Gustavo Leitão

Quem quiser saber sobre as últimas décadas na UBC pode encarnar o historiador e fuçar publicações e atas de assembleias. Ou, se for mais esperto, procurar dois arquivos vivos sobre a sociedade autoral: Belinha e Denise, 45 e 25 anos de casa, respectivamente. Nos dias de hoje, elas cuidam com esmero dos créditos retidos e da contabilidade, mas suas trajetórias panorâmicas já atravessaram diversos outros setores – até mesmo num período que precede o início das atividades do Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad), em 1977. Testemunhas das mudanças dos métodos de trabalho e do crescimento em importância da UBC, elas têm em comum ainda a versatilidade e a memória a toda prova, sempre ao alcance de associados e colegas. Confira os perfis das duas veteranas.

MARIA ISABEL PINTO CEPERUELO (BELINHA), CRÉDITOS RETIDOS

Difícil, para não dizer impossível, encontrar alguém na sede carioca da UBC que não conheça Maria Isabel Pinto Ceperuelo. Mesmo que não saiba ser esse o nome completo de Belinha, responsável pelos créditos retidos. Integrante da equipe desde 1966 (!), ela guarda na memória uma parte importante da trajetória da sociedade de autores, fundada em 1942. Literalmente.

“Muitas vezes alguém quer tirar uma dúvida de alguma coisa que aconteceu há muito tempo e vem me perguntar”, conta.

Portuguesa, Belinha morava no Porto até os 9 anos, quando os pais morreram e a avó resolveu trazê-la para o Brasil. Por indicação de uma amiga, fez uma entrevista na UBC. Antes mesmo de completar a maioridade e sem formação superior, já estava empregada. A partir daí, deu uma volta completa nos departamentos da sede. Foi chefe de atendimento, trabalhou com liberação de obras, distribuição, cadastro...



Maria Isabel Pinto Ceperuelo e Denise Duarte Coelho de Lima

“Era uma época em que o trabalho era menos setorizado e a gente acumulava mais funções”, lembra.

Além das mudanças estruturais, viu também mudarem os instrumentos de trabalho. Hoje, a maioria dos contatos é a distância, pela internet. “Quase ninguém tem contato cara a cara com artista mais. Recebo uns 40 emails por dia”, diz ela, fã declarada de Chico Buarque. “A primeira proposta dele aqui fui eu que recebi. Mas não dá para a gente ser tiete, é trabalho”, disfarça.

DENISE DUARTE COELHO DE LIMA, CONTABILIDADE

Quando a contadora Denise Duarte Coelho de Lima ingressou na UBC, há 25 anos, cortava um dobrado para encerrar o trabalho, caneta e calculadora na mão. Hoje, seu melhor amigo é o computador. “Era muito mais trabalhoso, não tem nem comparação”, lembra.

Um dos setores mais requisitados da sede, já que todo o recebimento passa por ela e outros cinco funcionários, a Contabilidade foi também uma das áreas que mais ganharam com a progressiva informatização do escritório. Em suas duas décadas e tanto por ali, Denise ganhou ainda experiência. Em vários segmentos. Chegou ocupando a função de tesoureira, por indicação de uma amiga, e passou por um rodízio de atribuições, incluindo a de secretária.

“Na época, precisei cobrir licenças-maternidade. Foi bom porque ganhei uma visão geral da associação”, afirma ela, separada e mãe de um filho de 12 anos. O tempo como tesoureira, por sua vez, serviu para ver de pertinho alguns de seus maiores ídolos, como Antonio Marcos e os grupos Roupa Nova e Yahoo. E, quando tem sorte, ainda chovem uns discos de presente. Nada mau. ☑



I CONCURSO NACIONAL DE MONOGRAFIAS

sobre o direito autoral musical

INSCRIÇÕES
PRORROGADAS
ATÉ 14 DE
ABRIL!

PRÊMIOS EM
DINHEIRO! INSCREVA-SE ATRAVÉS
DO SITE

www.ubc.org.br/concurso

e-livre

abgc
associação brasileira de
gestão cultural


BRASIL
UNIAO BRASILEIRA
DE COMPOSITORES

A União Brasileira de Compositores é uma sociedade de autores sem fins lucrativos que tem como objetivo a defesa e a distribuição dos rendimentos de direitos autorais e o desenvolvimento cultural.

www.gestaocultural.org.br

Informações:
Departamento de Comunicação
21 2223-3233
comunicacao@ubc.org.br

www.ubc.org.br